

O Impacto do Papilomavírus Humano (HPV) na Saúde de Mulheres Jovens: Atuação de Enfermagem

The Impact of HPV on Young Women's Health: The Role of Nursing

El Impacto del VPH en la Salud de las Mujeres Jóvenes: El Papel de la Enfermería

Recebido: 04/02/2026 | Revisado: 12/02/2026 | Aceitado: 13/02/2026 | Publicado: 15/02/2026

Dayane Lima Rodrigues

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6371-7207>

Centro Universitário Euro Americano, Brasil

E-mail: dayanelimarodrigues@gmail.com

Jeovana de Andrade Souza

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4196-3342>

Centro Universitário Euro Americano, Brasil

E-mail: andradejeovana1@gmail.com

Ana Paula Pacheco Franco

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9551-7800>

Universidade Estácio de Brasília, Brasil

E-mail: aninhapacheco@yahoo.com.br

Resumo

Introdução: A infecção pelo Papilomavírus Humano é a infecção sexualmente transmissível mais comum do mundo. Estima-se que cerca de 80% da população sexualmente ativa seja exposta ao vírus, que está associado a mais de 90% dos casos de câncer de colo uterino, sendo um dos principais impactos na saúde das mulheres jovens. Diante disso, o enfermeiro exerce um papel essencial na orientação e prevenção. **Objetivo:** Analisar as principais consequências do HPV na saúde de mulheres jovens; descrever a percepção das mulheres sobre o HPV, transmissão e prevenção; e relatar a percepção das mulheres sobre a atuação da enfermagem na orientação e prevenção do HPV. **Método:** Estudo de campo qualiquantitativo e descritivo, realizado em 2025, com 170 mulheres, por meio de questionário eletrônico. **Resultados:** Embora a maioria possuísse conhecimento prévio sobre o HPV, persistem lacunas nas formas de transmissão e prevenção. Observou-se que o HPV repercute na saúde física e na dimensão emocional, despertando medo, insegurança e estigma, principalmente por sua associação ao câncer e à infertilidade. Destacou-se o papel da enfermagem como agente de transformação social, promovendo acolhimento, escuta ativa e informação. **Conclusão:** O estudo evidenciou que o impacto emocional transcende o físico, interferindo diretamente na autoimagem e na vivência da sexualidade. Ressalta-se a importância da enfermagem por meio de acolhimento, escuta ativa e estratégias educativas que favoreçam a adesão às práticas preventivas e o autocuidado feminino.

Palavras-chave: Papilomavírus Humano (HPV); Câncer de Colo Uterino; Saúde da Mulher; Enfermagem.

Abstract

Introduction: Human Papillomavirus infection is the most common sexually transmitted infection in the world. It is estimated that approximately 80% of the sexually active population is exposed to the virus, which is associated with more than 90% of cervical cancer cases, representing one of the main impacts on the health of young women. Therefore, nurses play an essential role in guidance and prevention. **Objective:** To analyze the main consequences of HPV on the health of young women; to describe women's perceptions of HPV, its transmission, and prevention; and to report women's perceptions of the role of nursing in HPV guidance and prevention. **Method:** A qualitative-quantitative and descriptive field study was conducted in 2025 with 170 women using an electronic questionnaire. **Results:** Although most had prior knowledge about HPV, gaps persist in understanding its transmission and prevention methods. It was observed that HPV impacts physical health and emotional well-being, triggering fear, insecurity, and stigma, mainly due to its association with cancer and infertility. The role of nursing as an agent of social transformation was highlighted, promoting support, active listening, and information. **Conclusion:** The study showed that the emotional impact transcends the physical, directly interfering with self-image and the experience of sexuality. The importance of nursing through support, active listening, and educational strategies that promote adherence to preventive practices and female self-care is emphasized.

Keywords: Human Papillomavirus (HPV); Cervical Cancer; Women's Health; Nursing.

Resumen

Introducción: La infección por el virus del papiloma humano (VPH) es la infección de transmisión sexual más común en el mundo. Se estima que aproximadamente el 80% de la población sexualmente activa está expuesta al virus, el cual se asocia con más del 90% de los casos de cáncer cervicouterino, lo que representa uno de los principales impactos en la salud de las mujeres jóvenes. Por lo tanto, el personal de enfermería desempeña un papel fundamental en la orientación y la prevención. **Objetivo:** Analizar las principales consecuencias del VPH en la salud de las mujeres jóvenes; describir las percepciones de las mujeres sobre el VPH, su transmisión y prevención; e informar sobre las percepciones de las mujeres respecto al papel de la enfermería en la orientación y la prevención del VPH. **Método:** Se realizó un estudio de campo cualitativo-cuantitativo y descriptivo en 2025 con 170 mujeres mediante un cuestionario electrónico. **Resultados:** Si bien la mayoría tenía conocimientos previos sobre el VPH, persisten lagunas en la comprensión de su transmisión y los métodos de prevención. Se observó que el VPH afecta la salud física y el bienestar emocional, generando temor, inseguridad y estigma, principalmente debido a su asociación con el cáncer y la infertilidad. Se destacó el papel de la enfermería como agente de transformación social, promoviendo el apoyo, la escucha activa y la información. **Conclusión:** El estudio demostró que el impacto emocional trasciende lo físico, interfiriendo directamente con la autoimagen y la experiencia de la sexualidad. Se enfatiza la importancia de la enfermería a través del apoyo, la escucha activa y las estrategias educativas que promueven la adherencia a las prácticas preventivas y el autocuidado femenino.

Palabras clave: Virus del Papiloma Humano (VPH); Cáncer de Cuello Uterino; Salud de la Mujer; Enfermería.

1. Introdução

Atualmente, a infecção pelo Papilomavírus Humano (HPV) destaca-se como a infecção sexualmente transmissível mais comum em escala global, atingindo uma parcela expressiva da população. Isto ocorre em razão da sua alta quantidade de subtipos e fácil propagação, causando um grande impacto na saúde das mulheres, especialmente das mais jovens, já que estão mais suscetíveis ao contágio (Cardial *et al.*, 2019). Acredita-se que o contato com o HPV é quase inevitável, afetando cerca de 80% das pessoas sexualmente ativas. O vírus está associado a mais de 90% dos casos de câncer de colo de útero, sendo uma das principais causas de morte entre mulheres em idade fértil (BRASIL, 2023).

Ademais, o HPV é um agente viral que possui a capacidade de invadir tecidos da pele e das mucosas que revestem o corpo. Com cerca de 200 subtipos, 40 apresentam tropismo específico pelo trato ano genital, sendo responsáveis tanto pelo surgimento de verrugas genitais, denominadas condilomas, quanto pela associação a tumores malignos, como o câncer de colo do útero (BRASIL, 2024; BRASIL, 2022).

Nesse sentido, alguns tipos de HPV são classificados como de alto potencial oncogênico, devido à sua elevada capacidade de provocar infecções persistentes e pela forte associação com o desenvolvimento de alterações celulares precursoras de neoplasias. Entre os genótipos de alto risco, os tipos 16 e 18 apresentam maior relevância epidemiológica, sendo responsáveis por aproximadamente 70% dos casos de câncer do colo uterino. Por outro lado, os tipos 6 e 11 são classificados como baixo risco oncogênico, estando predominantemente associados à ocorrência de condilomas acuminados e não apresentando associação direta com o desenvolvimento de neoplasias cervicais (Cardial *et al.*, 2019).

A infecção genital por HPV atinge 54,4% das mulheres que já iniciaram a vida sexual. Tal achado evidencia a necessidade de intensificar as estratégias de prevenção contra o vírus, considerando que o HPV se configura como um relevante problema de saúde pública, com repercussões significativas na saúde sexual e reprodutiva, sobretudo entre as mulheres jovens, devido à sua relação com neoplasias do trato genital feminino (BRASIL, 2023).

Segundo o Instituto Nacional de Câncer (2025), o câncer de colo uterino é o quarto tipo de câncer mais comum entre as mulheres. No Brasil, conforme dados, para cada ano do triênio 2023-2025 são estimados 17.010 novos casos. Cabe ainda destacar que a ocorrência do HPV apresenta maior frequência em mulheres com idade inferior a 30 anos, devido aos fatores comportamentais dessa fase (BRASIL, 2022).

Todavia, a incidência do câncer do colo do útero tende a ser mais elevada em mulheres a partir de 40 anos, sendo menos frequente antes dos 30 anos, fato atribuído ao longo intervalo necessário para que a infecção pelo HPV evolua até a formação de

lesões malignas. No entanto, observa-se uma alteração nesse perfil epidemiológico, com o diagnóstico de lesões precursoras em mulheres cada vez mais jovens, fenômeno que está associado ao início cada vez mais precoce da atividade sexual, maior rotatividade de parceiros sexuais, menor adesão ao uso de preservativos e lacunas ao entendimento sobre o assunto (Guedes *et al.*, 2020).

Nessa perspectiva, Araujo, M e Araújo, A (2022) ressaltam que o enfermeiro assume função estratégica na prevenção do HPV e de suas complicações, atuando por meio de ações educativas, orientação e promoção da saúde. Portanto, a enfermagem é essencial para o fortalecimento das práticas preventivas e para a ampliação do conhecimento da população sobre a infecção e seus riscos.

Compreendendo a relevância da temática, este estudo surgiu a partir da necessidade de obter-se de maneira mais detalhada os impactos do HPV na vida das mulheres jovens e explorar o papel da enfermagem na prevenção do vírus, promovendo a saúde e o bem-estar desse público, contribuindo para o aprimoramento das práticas de cuidado e políticas públicas.

O estudo teve como questão norteadora: Como o HPV impacta na vida de mulheres jovens? Seu objetivo geral foi: analisar as principais consequências do HPV na saúde de mulheres jovens. Já os específicos foram: descrever a percepção das mulheres sobre o HPV, suas formas de transmissão e prevenção; relatar a percepção das mulheres sobre a atuação da enfermagem na orientação e prevenção do HPV.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de métodos mistos, num estudo de campo, de abordagem qualiquantitativa e descritiva (Pereira *et al.*, 2018; Risemberg *et al.*, 2026) sendo que na parte quantitativa fez-se uso de estatística descritiva simples com uso de classes de dados por faixa etária e valores de frequência relativa porcentual (Shitsuka *et al.*, 2014) e, na parte qualitativa fez-se uso de análise do discurso (Pêcheux, 2011) para estudo dos enunciados realizados pelos participantes da pesquisa.

A integração entre métodos qualitativos e quantitativos, contribui para uma compreensão mais abrangente do objeto de estudo. Segundo Schneider; Fuji e Corazza (2017 *apud* Flick, 2009) essa abordagem promove a complementaridade entre abordagens, articulando a descrição, classificação e interpretação de dados empíricos (como entrevistas, observações e grupos focais) com a análise de informações estatísticas e dados numéricos.

Estudos descritivos se caracterizam pela observação e descrição de fenômenos de saúde em relação a variáveis como tempo, lugar e população, buscando identificar a frequência e distribuição de doenças ou agravos, bem como fatores associados (Costa; Barreto & Sandhi, 2003).

A pesquisa foi realizada em território nacional, em ambiente virtual, por meio de redes sociais como Instagram e Whatsapp, com o objetivo de alcançar uma amostra mais diversa e representativa da realidade brasileira. A coleta de dados ocorreu por meio de um formulário eletrônico online, elaborado na plataforma Google Forms, no mês de setembro de 2025, em que ficou disponível pelo período de duas semanas, quando foi alcançada a quantidade de respostas esperadas. Foram obtidas 170 respostas.

Os critérios de inclusão foram mulheres que possuíam idade entre 18-45 anos; que concordaram com os termos da pesquisa por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e residiam no Brasil. Como critérios de exclusão, mulheres que não tivessem acesso aos meios digitais necessários para responder ao instrumento de pesquisa.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) (91766525.1.0000.5056). Foi utilizado um questionário online composto por questões objetivas e subjetivas, com o objetivo de caracterizar a percepção e avaliar o nível de informação das participantes em relação à temática abordada. O instrumento contemplou 18 perguntas, dentre elas dados demográficos,

percepção do HPV, formas de prevenção, transmissão, impactos do vírus na saúde feminina e o papel do enfermeiro na prevenção.

Após análise e interpretação qualitativa, os dados foram organizados de forma sistemática, possibilitando uma leitura clara e precisa. Os recursos utilizados foram o programa Microsoft (Excel e Word). Ressalta-se que a identidade das participantes foi preservada durante todo o processo, garantindo o sigilo e a confidencialidade das informações.

3. Resultados e Discussão

Participaram deste estudo 170 mulheres voluntárias, que responderam a um formulário eletrônico elaborado para a coleta de dados. A primeira parte do instrumento contemplou um breve questionário socioeconômico destinado a caracterização das participantes.

A faixa etária das mulheres variou entre 18 e 45 anos, com predominância da faixa de 18 a 26 anos (67,4%), seguido pelas faixas de 27 a 34 anos (19,8%), 35 a 45 anos (12,8%), conforme o Quadro 1.

Quadro 1 - Distribuição das participantes segundo faixa etária.

Faixa etária (anos)	Frequência relativa (%)
18 a 26	67,4%
27 a 34	19,8%
35 a 45	12,8%
Total	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

Esse perfil evidenciou uma população predominantemente jovem, sendo uma característica relevante para o tema do estudo, visto que essa faixa etária é considerada importante nas ações de prevenção ao HPV, uma vez que o vírus é mais frequente em mulheres jovens, devido, principalmente, aos fatores comportamentais dessa fase (BRASIL, 2022).

Quanto ao nível de escolaridade, foram identificados quatro níveis: ensino superior completo (38%), seguido de ensino superior incompleto (32,2%), ensino médio completo (26,3%) e ensino fundamental (3,5%).

Com o intuito de facilitar a análise e a discussão dos dados, os resultados foram estruturados em três categorias descritas abaixo.

Categoria 1: Percepções das mulheres sobre o HPV

Os resultados deste estudo demonstraram que a maioria das participantes possuía informação prévia em relação ao HPV, visto que das 170 mulheres entrevistadas, 143 (83,6%) relataram já ter ouvido falar sobre o vírus. Esse achado sugere que a temática tem sido abordada entre a população feminina, especialmente pela facilidade de acesso às informações relacionadas à saúde em meios digitais (Laily *et al.*, 2025). No entanto, mesmo diante dessa aparente familiaridade, o conhecimento apresentado, por vezes, mostrou-se superficial e fragmentado, restrito a noções básicas sobre a infecção, quanto às formas de transmissão, evolução da infecção e medidas preventivas.

Assim, tais achados demonstraram que ter informação sobre o vírus não implica que há um entendimento real sobre a temática levando em consideração todas as camadas. O desconhecimento foi relatado por 28 mulheres (16,3%), número considerado expressivo diante da relevância do assunto, uma vez que o HPV é um fator determinante no desenvolvimento do câncer de colo uterino (INCA, 2025; Guedes *et al.*, 2020).

A análise também evidenciou a influência de fatores educacionais no grau de entendimento das participantes. Mulheres com menor escolaridade demonstraram maior vulnerabilidade pelo desconhecimento. Essa relação entre escolaridade e vulnerabilidade é discutida por Reis *et al.* (2022) e Xavier *et al.* (2024), que ressaltam que o conhecimento limitado sobre o vírus aumenta a exposição a comportamentos de risco e compromete a adoção de medidas preventivas eficazes.

No que diz respeito às formas de transmissão, observou-se que a maior parte das participantes associou o contágio exclusivamente às relações sexuais sem o uso de preservativo (83,3%), enquanto apenas 8,8% reconheceram a possibilidade de transmissão mesmo com o uso do contraceptivo de barreira. Essa percepção demonstrou um entendimento coerente, porém parcial em relação à literatura que, apesar de apontar o ato sexual desprotegido como a principal forma de contágio, também destaca o contágio mesmo com uso de proteção.

Esse entendimento é corroborado por Cardial *et al.* (2019) e Carvalho (2020) que apontam que o HPV pode ser disseminado por contato direto com pele ou mucosa infectada, especialmente durante relações sexuais, mesmo na ausência de penetração vaginal, já que, por meio da manipulação de áreas infectadas, pode ocorrer a transferência do vírus para os dedos, que, se forem direcionados a vagina e pênis, pode ocasionar na contaminação indireta.

De maneira complementar, algumas literaturas ressaltam que, o preservativo, embora essencial, não oferece proteção total contra o HPV, já que o vírus pode atingir áreas não cobertas pelo método de barreira, como o escroto, permitindo a transmissão mesmo com o uso correto, já que a área entra em contato direto com a vulva durante a relação sexual. Tais resultados reforçam que, embora as participantes reconheçam a principal via de transmissão, ainda existem lacunas relacionadas às formas de contágio, que pode levar ao falso entendimento de que apenas o método de barreira seja suficiente para impedir a transmissão (INCA, 2024; Campaner, 2024).

Em relação à questão "Você acha que uma mulher pode ter HPV por muitos anos sem saber que tem?", a resposta de 87,8% das entrevistadas foi afirmativa, enquanto 12,2% discordam dessa possibilidade. Essa percepção está alinhada à literatura, já que Carvalho *et al.* (2021) descreve o HPV como um vírus de comportamento silencioso, podendo permanecer latente por longos períodos sem apresentar sintomas aparentes. Tal entendimento reforça a importância do exame citopatológico periódico como medida de rastreamento, visto que a infecção pode evoluir para lesões sem apresentar sintomas visíveis.

Em contrapartida, a compreensão sobre o curso evolutivo da infecção mostrou-se mais fragmentada. As respostas sobre a possibilidade de eliminação espontânea do vírus revelaram divergências: 36,9% acreditam que o HPV permanece permanentemente no organismo, 15,4% afirmaram que ele pode ser eliminado naturalmente, 26,6% consideraram que depende do tipo viral e 29,1% declararam não saber. Contudo, pesquisas apontam que a maioria das infecções é transitória, regredido espontaneamente, devido à resposta imunológica do organismo. Entretanto, em casos de persistência viral, podem surgir verrugas genitais e lesões precursoras do câncer cervical (Silva & Santos, 2022; Zhang *et al.*, 2020).

Os achados indicam que, embora parte das participantes reconheça o caráter assintomático da infecção, ainda há confusão sobre o comportamento do vírus e sua evolução no organismo. A associação equivocada do HPV a uma infecção permanente ou inevitavelmente cancerígena pode gerar medo, estigma e sentimentos de angústia, impactando o psicológico, especialmente entre mulheres jovens, que passam a associar o diagnóstico à irreversibilidade da doença e ao câncer de colo uterino (Reis *et al.*, 2022; Felix *et al.*, 2022).

A prevenção da infecção pelo HPV envolve um conjunto de estratégias integradas que englobam tanto ações individuais quanto coletivas. Entre as medidas mais relevantes estão a vacinação e uso do preservativo, reconhecidas por sua eficácia, respectivamente, na proteção contra os subtipos mais recorrentes e redução da transmissão do vírus, além de ambas agirem na prevenção de suas complicações (Agbo *et al.*, 2024).

Os dados obtidos neste estudo evidenciaram que a vacinação (50%) e o uso de preservativos (43,6%) foram as principais medidas preventivas mencionadas pelas participantes, indicando que, embora ambos os métodos sejam valorizados, a vacina é

amplamente percebida como o principal recurso de proteção, sendo associada a taxas mais baixas de lesões precursoras de câncer cervical pelos tipos 16 e 18. No entanto, observou-se que apenas uma pequena parcela (0,6%) das mulheres reconheceu a importância da associação entre a vacina e o preservativo, o que sugere uma compreensão limitada sobre a complementaridade das medidas preventivas.

O uso de preservativos nas relações sexuais é uma das medidas mais básicas na prevenção do HPV. Ainda assim, a literatura reforça que a prevenção mais eficaz do câncer cervical está diretamente ligada à redução do risco de infecção pelo HPV, sendo a vacina quadrivalente contra o vírus uma opção disponível pelo Sistema Único de Saúde (SUS) desde 2014 para meninos e meninas entre 9 e 14 anos (Campaner, 2024; Rocha *et al.*, 2021).

Esses achados reforçam que, embora exista um conhecimento geral sobre abordagens isoladas de prevenção, a compreensão da complementaridade dessas abordagens ainda é incipiente. Além disso, o INCA (2024) reforça que a vacina protege contra os subtipos não oncogênicos e oncogênicos mais comuns (6, 11, 16 e 18), não abrangendo todos os tipos virais, o que torna indispensável o uso concomitante do preservativo.

Sobre a adesão à vacinação, observou-se que 68% dos participantes relataram ter recebido a imunização contra o HPV, enquanto 23,8% não tiveram a oportunidade devido à idade, desconheciam a disponibilidade da vacina e 2,3% consideraram desnecessária a imunização. Os resultados apontam para a persistência de barreiras relacionadas ao acesso, à falta de informação e à percepção de risco, fatores que podem comprometer a cobertura vacinal ideal e, consequentemente, a efetividade das políticas públicas de prevenção.

Tais evidências dialogam com o que é apontado por Silva *et al.* (2024) e Luvisaro *et al.* (2025) que identificaram baixos índices de conhecimento sobre a vacina, especialmente entre estudantes de escolas públicas. Além disso, pesquisas recentes destacam disparidades socioeconômicas na cobertura vacinal, incluindo diferenças na adesão à vacina em função do nível educacional e da infraestrutura de serviços de saúde disponíveis.

Embora grande parte dos jovens adultos demonstrem consciência sobre a existência da vacina, o entendimento sobre o HPV ainda se mostra restrito, já que o conhecimento sobre o vírus é inferior ao conhecimento sobre a imunização (Kops *et al.*, 2019). Essa dissociação entre informação e compreensão reflete a necessidade de fortalecer as ações educativas, campanhas de conscientização e estratégias intersetoriais que promovam o entendimento integral da prevenção, estimulando uma adesão mais consistente à vacina e ao uso de preservativos como práticas complementares e indispensáveis.

Categoria 2: Percepções sobre os Impactos do HPV na Saúde de Mulheres Jovens

A análise das respostas das participantes evidenciou que a infecção pelo HPV é compreendida como uma condição que ultrapassa os impactos físicos, atingindo também o psicológico, ao gerar preocupações relacionadas à saúde, à sexualidade e ao bem-estar emocional. Entre os efeitos físicos mais mencionados estão as lesões no colo uterino e o risco de desenvolvimento de câncer cervical.

Os dados evidenciaram que 56% das participantes afirmaram a progressão de lesões cervicais para câncer de colo uterino como sendo o principal impacto físico na vida de uma mulher jovem. Além disso 47,57% das mulheres relataram a possibilidade de infertilidade ou necessidade de procedimentos invasivos, como a histerectomia, em casos mais graves, o que demonstrou o entendimento sobre as consequências reprodutivas da infecção e revela o impacto do HPV sobre a vida reprodutiva feminina e o temor de perder a capacidade de gerar filhos, como nas falas a seguir:

“Nos casos mais graves, pode ser necessária a realização de uma histerectomia, o que a impede de ter filho”;

“{...} Risco de desenvolvimento de lesões que podem progredir para câncer do colo do útero, afetando a fertilidade”;

“Impossibilita de ter filhos.”;

“O HPV pode impactar a vida sexual e reprodutiva das mulheres jovens tanto pela possibilidade de causar câncer e afetar a fertilidade.”

A preocupação com a infertilidade reflete o peso emocional que o HPV assume entre as mulheres jovens, especialmente por estar associado a funções corporais e papéis sociais ligados à maternidade. O vírus, ao ser relacionado à infertilidade e ao câncer, desperta sentimentos de ameaça à feminilidade e à capacidade de exercer a maternidade. Assim, o diagnóstico não é percebido apenas como um problema de saúde, mas como um evento que pode comprometer projetos de vida, relações afetivas e a autoestima.

Esse pensamento é confirmado por Felix *et al.* (2022) que afirma que o medo de não poder engravidar está frequentemente relacionado à ansiedade gerada pelo estigma do câncer e pela associação do HPV à perda da saúde sexual e reprodutiva, demonstrando como o impacto do vírus transcende o campo biológico e alcança dimensões emocionais da mulher.

A ênfase atribuída às lesões cervicais e à associação do vírus ao câncer do colo do útero reflete também o peso da mídia, que frequentemente relaciona o HPV ao câncer de forma direta. Essa relação pode reforçar percepções de medo entre as mulheres, sobretudo quando o acesso à informação é limitado e fragmentado. Em muitos casos, a compreensão do HPV é realizada por interpretações morais e pelo estigma, o que potencializa sentimento de culpa e vergonha diante do diagnóstico (Reis *et al.*, 2022; Minakawa & Frazão, 2024).

Por outro lado, reconhecer o HPV como um fator de risco e não uma sentença é essencial para promover uma compreensão mais equilibrada sobre o agravo. Além disso, evidências reforçam que o vírus como o principal agente etiológico do câncer cervical, sendo um agente necessário, mas não suficiente para o desenvolvimento da doença (INCA, 2024).

A progressão para o câncer depende da interação de múltiplos fatores, como o início precoce da vida sexual, múltiplos parceiros, tabagismo e condições socioeconômicas desfavoráveis. Assim, é necessário um conjunto de variáveis para que o vírus se torne persistente no organismo (Guedes *et al.*, 2020; Xavier *et al.*, 2024; Zhang *et al.*, 2020).

Quando ocorrem alterações estruturais e funcionais nas células cervicais, podem surgir lesões intraepiteliais, conhecidas como Neoplasias Intraepiteliais Cervicais (NIC), que antecedem a possível progressão para a neoplasia maligna., todavia, no geral, esse processo é lento e pode levar anos ou décadas. A NIC costuma iniciar-se com lesão de baixo grau (NIC I), podendo evoluir para lesão moderada (NIC II) e, posteriormente, para lesão de alto grau (NIC III). De forma geral, observa-se que o risco de progressão aumenta proporcionalmente ao grau da NIC (Cunha *et al.*, 2022).

Entretanto, Zhang *et al.* (2020); Cunha *et al.* (2022) e Ferreira *et al.* (2022) destacam que nem todas as lesões de alto grau evoluem para câncer cervical, sendo possível, em alguns casos, a regressão espontânea das alterações celulares. Além disso, autores ressaltam que quando identificado precocemente, apresenta altas taxas de cura, reforçando a importância da prevenção e do rastreamento contínuo.

Paralelamente aos impactos biológicos, 63,43% das participantes relataram consequências emocionais e sociais significativas. Sentimentos de medo, vergonha, ansiedade, insegurança, receio de rejeição e diminuição da autoestima foram recorrentes nos discursos. Um depoimento exemplifica essa dimensão:

“A presença do vírus pode gerar medo, insegurança e até culpa, influenciando a autoestima e a forma como elas vivenciam a sexualidade”.

Outros relatos destacaram que o diagnóstico pode afetar impacto nas relações afetivas e na autoconfiança, como a seguir:

“Acredito que impacta na confiança e no psicológico da mulher em continuar se relacionando após descobrir que está com HPV”.

Essas manifestações emocionais reforçam a percepção do HPV como um fator que interfere diretamente na autoimagem e na vivência da sexualidade feminina. Estudos apontam que o diagnóstico de HPV representa, para muitas mulheres, um evento marcante e desestabilizador, capaz de gerar sofrimento emocional, estigmatização relacionado a ISTs e alterações na vida social e sexual. Esses autores destacam que, quando não há suporte emocional adequado, o impacto psicológico tende a se agravar, predispondo a quadros de ansiedade e depressão (Reis *et al.*, 2022; Felix *et al.*, 2022).

Ao analisar os dados, tornou-se evidente que as participantes acreditam que o impacto emocional do HPV, chega a ser superior ao impacto físico. Assim, observa-se que o HPV não deve ser compreendido apenas sob a ótica biológica, mas como uma condição que repercute profundamente nas dimensões emocional, social e reprodutiva da vida das mulheres. Essa constatação reforça a relevância de um manejo clínico associado a escuta ativa, orientação e apoio capazes de promover enfrentamento, acolhimento e ressignificação da vivência com o vírus.

Categoria 3: Percepções Sobre o Papel da Enfermagem na Prevenção do HPV

Araújo, M e Araújo, A (2022) e Silva e Santos (2022) enfatizam que o enfermeiro exerce função primordial por estar entre os profissionais em que a população, especialmente a feminina, mantém contato mais direto, sobretudo durante as consultas. A partir desse cuidado contínuo, a enfermagem desempenha papel na promoção da saúde da mulher, com ênfase na prevenção de ISTs, como o HPV, e consequentemente, na detecção precoce do câncer de colo uterino. A análise deste estudo evidenciou que 74 participantes (42%) relataram já ter realizado consulta ginecológica com enfermeiro, reforçando a relevância desse profissional no cuidado integral à mulher.

93,53% das participantes enfatizaram a importância da enfermagem na orientação sobre o HPV, além da escuta ativa. Ademais, 47,5% destacaram a importância do enfermeiro em ações preventivas, como o incentivo à vacinação, o uso de preservativos e a realização do exame citopatológico. Seguem abaixo alguns dos relatos que abordam essa percepção:

“O enfermeiro atua na prevenção através de orientação e propagação do conhecimento acerca do que é a doença, como é a transmissão e impactos que pode gerar”;

“A enfermagem tem papel essencial ao educar, vacinar, rastrear e acolher, atuando como ponte entre a informação, a prevenção e o cuidado integral da mulher.”;

“Extremamente importante, a enfermagem tem embasamento teórico e científico a respeito do assunto, podendo orientar mulheres a respeito de como se prevenir e proporcionar um ambiente de escuta ativa, sem julgamentos”;

“{...} O enfermeiro está próximo da comunidade e consegue acolher, escutar e orientar de forma acessível.”.

Os relatos evidenciaram que o enfermeiro é percebido pelas participantes como um agente facilitador no processo de cuidado, promovendo um ambiente de confiança que favorece o acesso a informações e à adesão às práticas preventivas, resultando em mudanças comportamentais e, consequentemente, na redução do câncer de colo uterino.

A literatura corrobora essa percepção ao apontar a enfermagem como componente central da Atenção Primária à Saúde, essencial na disseminação do conhecimento sobre o HPV, destacando-se especialmente pela capacitação técnica e científica. Quando o enfermeiro possui compreensão aprofundada sobre o vírus e suas implicações, é capaz de orientar de forma assertiva, promover a educação em saúde e contribuir de maneira efetiva para a prevenção e o acompanhamento das pessoas expostas ou infectadas, atuando também no rastreamento e apoio emocional às mulheres (Ferreira *et al.*, 2022; Ferreira *et al.*, 2024).

Além disso, a prática da enfermagem centrada no acolhimento humanizado revela-se como uma ferramenta fundamental para fortalecer o vínculo entre profissional e paciente, criando um ambiente de confiança e segurança. Por meio de uma postura empática e da escuta qualificada, o enfermeiro consegue reduzir sentimentos de medo, vergonha e desconforto, que muitas vezes,

dificultam a adesão ao exame citopatológico. Essa abordagem contribui significativamente para a promoção da saúde, ao transformar a consulta em um momento de diálogo e aprendizado (Ferreira, Mura & Pedrosa, 2025).

Nesse sentido, Ferreira, Mura e Pedrosa (2025) complementam que a enfermagem atua para incentivar a mulher a reconhecer-se como protagonista do seu próprio cuidado. A orientação clara, aliada à humanização do atendimento, favorece o entendimento sobre a importância da prevenção e do rastreamento precoce do câncer do colo do útero. Assim, o cuidado prestado pela enfermagem transcende o aspecto técnico, tornando-se um instrumento de transformação social e de fortalecimento da autonomia feminina frente à sua saúde sexual e reprodutiva.

Ademais, como citado nas falas das participantes, o enfermeiro tem papel ativo nas campanhas de vacinação contra o HPV, conduzindo ações de educação em saúde voltadas à comunidade e aos responsáveis por adolescentes, o que contribui para o aumento da cobertura vacinal e para a redução da incidência do HPV, e, consequentemente, do câncer de colo uterino em mulheres jovens (Meireles *et al.*, 2020). Dessa forma, a atuação da enfermagem transcende o cuidado clínico, abrangendo dimensões educativas e sociais fundamentais para a consolidar uma cultura de prevenção.

Diante do exposto, observou-se que o papel da enfermagem na prevenção do HPV é multifacetado, abrangendo dimensões técnicas, educativas e psicossociais. Essa atuação integrada reflete o compromisso da enfermagem com a promoção da saúde e a redução das desigualdades no acesso ao cuidado, reafirmando sua relevância no enfrentamento dos agravos relacionados à saúde sexual e reprodutiva feminina.

4. Conclusão

Os resultados demonstraram que o impacto emocional transcende o físico, uma vez que, mesmo na ausência do câncer ou de complicações clínicas graves, o diagnóstico do HPV provoca sofrimento psicológico, sentimentos de medo, vergonha e insegurança, interferindo diretamente na autoimagem e na vivência da sexualidade.

Constatou-se ainda que persistem lacunas sobre o vírus, o que demonstra a urgência de um trabalho educativo mais profundo e contínuo. Além disso, destacou-se o papel essencial da enfermagem como agente de transformação, capaz de promover acolhimento, escuta ativa e orientação acessível, favorecendo a adesão às práticas preventivas e o fortalecimento do autocuidado feminino.

Dessa forma, o enfrentamento do HPV requer ações integradas de educação em saúde. A enfermagem, ao adotar uma postura empática e ativa, estabelece vínculos de confiança e exerce papel determinante na promoção do conhecimento, da conscientização e do cuidado integral.

Entre as limitações encontradas, destaca-se a escassez de estudos voltados aos impactos emocionais nas mulheres causados pelo HPV, o que pode ter restringido a representatividade dos resultados. Ainda assim, os achados apresentam contribuições relevantes para a prática assistencial e para o aperfeiçoamento de políticas públicas voltadas à prevenção do HPV.

Sugere-se que futuras pesquisas aprofundem a compreensão sobre os impactos emocionais vivenciados pelas mulheres, explorando de maneira mais ampla os aspectos psicossociais relacionados ao diagnóstico, bem como as estratégias educativas desenvolvidas pela enfermagem para o enfrentamento dessa experiência.

Referências

- Agbo, C. E., Chima, U. E., Omotayo, O. F. et al. (2024). Reducing HPV-associated oropharyngeal cancer risk and exploring the role of safe sexual activity and behavioral modifications. *Discover Public Health*. 21:235. doi: <https://doi.org/10.1186/s12982-024-00370-z>.
- Araújo, M. C. H. & Araújo, A. H. I. M. (2022). Atuação da enfermagem em câncer de colo do útero no
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Editora Edições 70.
- Brasil: revisão integrativa. *Revista JRG*. (5(11):429-42. doi: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7372952>.

- Brasil. (2023). *Taxa de HPV na genital atinge 54,4% das mulheres e 41,6% dos homens no Brasil*. Brasília, DF: Ministério da Saúde. [https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/noticias/2023/dezembro/taxa-de-hpv-na-genital-atinge-54-4-das-mulheres-e-41-6-dos-homens-no-brasil-diz-estudo#:~:text=A%20taxa%20de%20infec%C3%A7%C3%A3o%20pelo,SUS%20\(Proadi%2DSUS](https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/noticias/2023/dezembro/taxa-de-hpv-na-genital-atinge-54-4-das-mulheres-e-41-6-dos-homens-no-brasil-diz-estudo#:~:text=A%20taxa%20de%20infec%C3%A7%C3%A3o%20pelo,SUS%20(Proadi%2DSUS).
- Brasil. (2024). *Entenda como o papilomavírus humano (HPV) pode se manifestar*. Ministério da saúde (BR). <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/abril/entenda-como-o-papilomavirus-humano-hpv-pode-se-manifestar>.
- Brasil. (2022). Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Central de conteúdo. Ministério da saúde. https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/pcdts/2022/ist/pcdt-ist-2022_isbn-1.pdf/view.
- Campaner, A. B. (2024). Vacinação contra o HPV em crianças e jovens. *Rev Bras Patol Trato Genit Inferior*. 8(1). doi: <https://doi.org/10.5327/2237-4574-2024810017>.
- Cardial, M. F., Roteli-Martins, C. M., Naud P. F. et al. (2019). Papilomavírus humano (HPV). *Femina*. 47(2): 94-100. <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/12/1046496/femina-2019-472-94-100.pdf>.
- Carvalho, N. S., Silva, R. J. C. & Val, I. C. (2021). Protocolo Brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: infecção pelo papilomavírus humano (HPV). *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. 15;30(spe1). Doi: <https://doi.org/10.1590/S1679-4974202100014.espl>.
- Costa, M. F. L.; Barreto, S. M. Tipos de estudos epidemiológicos: conceitos básicos e aplicações na área do envelhecimento. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 12, n. 4, p. 189-201, out./dez. 2003. <http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v12n4/v12n4a03.pdf>
- Cunha, Í. Í. B. R., Vasconcelos, A. C., Brito, B. F. et al. (2022). Câncer de colo uterino: fisiopatologia, manifestações clínicas e principais fatores de risco associados à patogênese. *Research, Society and Development*. 11(11):e491111133992. Doi: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i11.33992>.
- Felix, B. A., Castro, J. V. G., Nogueira, G. M. et al. (2022). Infecção pelo papilomavírus humano e consequências biopsicossociais em mulheres: uma revisão de literatura. *Revista Eletronica Acervo Médico*. 15:e10767. Doi: <https://doi.org/10.25248/reamed.e10767.2022>.
- Ferreira, A. C., Marreiro, G. A., Silva Neto, B. M. et al. (2024). Assistência de enfermagem à pessoa vivendo com o Papilomavírus Humano (HPV). *Revista JRG*. 7(14):e141221. Doi: <https://doi.org/10.55892/jrg.v7i14.1221>.
- Ferreira JR, Mura TGG, Pedrosa LGB. Contribuições da enfermagem na qualidade de vida de mulheres em tratamento para o câncer de colo do útero: revisão integrativa da literatura (2025) *Revista Foco*. 2025;18;10:e910213;p.01-21. Doi: <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v18n10-139.n>
- Ferreira, M. C. M., Nogueira, M. C., Ferreira, L. C. M. et al. (2022). Detecção precoce e prevenção do câncer do colo do útero: conhecimentos, atitudes e práticas de profissionais da ESF. *Ciência & Saúde Coletiva*. 27(6):2291-302. Doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022276.17002021>.
- Guedes, D. H. S., Fiorin, B. H., Santos, M. V. F. et al. (2020). Fatores associados ao papilomavírus humano entre mulheres com câncer de colo uterino. *Rev Rene*. 21:e43681. Doi: <https://doi.org/10.15253/2175-6783.20202143681>.
- Instituto Nacional de Câncer (INCA). (2025). *Conceito e magnitude*. Rio de Janeiro: INCA; 2025. <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/controlado-cancer-de-mama/conceito-e-magnitude>
- Instituto Nacional de Câncer (INCA). (2024). *Prevenção do câncer do colo do útero*. Rio de Janeiro: INCA; 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/controlado-cancer-do-colo-do-utero/acoes/prevencao>
- Kops, N. L., Hohenberger, G. F., Bessel, M. et al. (2019). Conhecimento sobre HPV e vacinação entre homens e mulheres jovens adultos: Resultados de uma pesquisa nacional. *Papillomavirus Research*. 123–8. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.pvr.2019.03.003>.
- Laily, A., Soojung, J. & Duncan, R. J. (2025). Human papillomavirus awareness in a digital world: The intersection of faith and online media. *Preventive Medicine Reports*. 58: 103241. <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC12464597/pdf/main.pdf>.
- Lima-Costa, M. F. & Barreto, S. M. (2003). Tipos de estudos epidemiológicos: conceitos básicos e aplicações na área do envelhecimento. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. 12(4). Doi: <http://dx.doi.org/10.5123/S1679-49742003000400003>.
- Lopes, L. S., Alves, L. da S., Silva, L. L. da. (2022). Atuação do enfermeiro na prevenção e detecção precoce do câncer uterino na atenção primária: uma revisão de escopo. *Research, Society and Development*. 11(16), e247111638155. Doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i16.38155>.
- Luisaró, B. M. O., Silva, T. P. R., Gusmão, J. D. et al. (2025). Associação entre fatores contextuais e cobertura vacinal contra o papilomavírus humano em adolescentes no estado de Minas Gerais, Brasil: regressões espaciais globais. *BMC Infectious Diseases*. 25:34. Doi: <https://doi.org/10.1186/s12879-024-10263-w>.
- Meireles, L. A., Cunha, F. V. & Faria Vador, R. M. (2020). Atuação do enfermeiro na adesão da imunização do Papilomavírus humano em adolescentes. *Hea. Rev*. 2020;3(6):17413-27. Doi: <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n6-159>.
- Minakawa, M. M. & Frazão, P. (2024). A Introdução da Vacina do HPV no Brasil, a Mídia Impressa e a Desinformação. *Revistacomsoc*. 2024;46:e024021. Doi: [https://doi.org/10.17231/comsoc.46\(2024\).5682](https://doi.org/10.17231/comsoc.46(2024).5682).
- Pereira, A. S. et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. (Free ebook). Santa Maria. Editora da UFSM.
- Reis, M. C. O., Martins, A. L. L., Carvalho, R. C. et al. (2022). Adolescentes e adultas jovens infectadas pelo PapilomaVírus Humano (HPV): vulnerabilidades e sentimentos vivenciados. *Revista Gaúcha de Enfermagem*. 14;43:e20210228. Doi: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2022.20210228.pt>.
- Risemberg, R. I. C., Wakin, M., & Shitsuka, R. (2026). A importância da metodologia científica no desenvolvimento de artigos científicos. *E-Acadêmica*. 7(1), e0171675. <https://doi.org/10.52076/eacad-v7i1.675>. <https://eacademica.org/eacademica/article/view/675>.

Rocha, N. M., Alves, C. N. M., Lins, E. A. et al. (2021). Papilomavírus humano (hpv) e uso do preservativo: conhecimento de jovens brasileiros. *Ciências Biológicas e de Saúde Unit*. 7(1):89. <https://periodicos.set.edu.br/cdgsaude/article/view/8144/4788>.

Schneider, E. M., Fujii, R. A. X. & Corazza, M. J. (2017). Pesquisas quali-quantitativas: contribuições para a pesquisa em ensino de ciências. *Revista Pesquisa Qualitativa*. 5(9), 569-84. file:///C:/Users/Positivo/Downloads/xerife,+08_pes_SCHNEIDER_FUJII_CORAZZA-p569-584.pdf

Shitsuka, R. et al. (2014). *Matemática fundamental para tecnologia*. (2ed). Editora Érica.

Silva, A. S. & Santos, L. M. L. (2022). Prevenção do HPV na atenção primária: uma revisão de literatura. *Diversitas journal*. 7, 298-312. https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/2041/1595.

Silva, T. M. R. Sá, A. C. M. G. N. & Carrato, B. A. (2024). Lack of knowledge about the human papillomavirus vaccine among Brazilian adolescents: A cross-sectional study. *Public Health Nursing*. 41(6), 1453–65. Doi: <https://doi.org/10.1111/phn.13375>.

Xavier, J. R. D. et al. (2024). Conhecimento sobre fatores de risco e práticas de prevenção do câncer do colo do útero entre mulheres atendidas em um centro de saúde. *Revista Foco*. 17(6), e5315, 1-25. Doi: <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v17n6-023>.

Zhang, S., Xu, H. & Zhang, L. (2020). Cervical cancer: Epidemiology, risk factors and screening. *Chin J Cancer Res*. 32(6):720-8. Doi:10.21147/j.issn.1000-9604.2020.06.05.